

*Versão de Mariamar*  
(1)

## A notícia

*Bendito seja o leão que o homem comerá e o leão em humano se tornará; e maldito seja o homem que o leão comerá, e o leão se tornará humano.*

Evangelho segundo Tomás



Deus já foi mulher. Antes de se exilar para longe da sua criação e quando ainda não se chamava Nungu, o atual Senhor do Universo parecia-se com todas as mães deste mundo. Nesse outro tempo, falávamos a mesma língua dos mares, da terra e dos céus. O meu avô diz que esse reinado há muito que morreu. Mas resta, algures dentro de nós, memória dessa época longínqua. Sobrevivem ilusões e certezas que, na nossa aldeia de Kulumani, são passadas de geração em geração. Todos sabemos, por exemplo, que o céu ainda não está acabado. São as mulheres que, desde há milénios, vão tecendo esse infinito véu. Quando os seus ventres se arredondam, uma porção de céu fica acrescentada. Ao inverso, quando perdem um filho, esse pedaço de firmamento volta a definhar.

Talvez por essa razão a minha mãe, Hanifa Assulua, não tenha parado de contemplar as nuvens durante o enterro da sua filha mais velha. A minha irmã, Silênciosa, foi a última vítima dos leões que, desde há algumas semanas, atormentam a nossa povoação.

Porque morreu desfigurada, deitaram o que lhe sobrava do corpo sobre o lado esquerdo, com a cabeça virada para o Nascente e os pés virados para Sul. Durante a cerimónia, a mãe parecia dançar: vezes sem conta ela se inclinou sobre um cântaro feito por suas próprias mãos. Aspergiu água sobre a terra em volta que, depois, calcou com ambos os pés, com o mesmo embalo de quem semeia.

No regresso do funeral, havia demasiado céu nos olhos da minha pobre mãe. O caminho até casa era apenas de uns passos: o cemitério familiar ficava nas cercanias da aldeia. Hanifa fez uma breve passagem pelo rio Lideia para os banhos purificadores, enquanto, mais atrás, eu apagava as pegadas que conduziam à sepultura.

— *Sacudam os pés, as poeiras gostam de viajar.*

No chão sagrado do nosso cemitério figurava mais uma cruz a mostrar que éramos distintos, entre muçulmanos e pagãos. Hoje eu sei: colocamos uma lápide sobre os mortos, não é por respeito. É por medo. Temos receio de que regressem. Esse medo, com o tempo, torna-se maior que a saudade.

Todos os familiares respeitaram o mando: o carreiro de regresso foi bem diverso do usado na ida. Todavia, a imagem pegajosa não arredava da

minha cabeça: o corpo de Silência erguido em ombros, envolto em panos brancos que balançavam como asas quebradas.

Na soleira da nossa porta, a mãe olhou a casa como se a culpasse: tão viva, tão antiga, tão eterna. A nossa casa diferia das demais palhotas. Era feita de cimento, com telhados de zinco, apetrechada de quartos, sala e cozinha interior. Sobre o chão espalhavam-se tapetes e nas janelas pendiam poeirentos cortinados. Nós também éramos diferentes dos demais habitantes de Kulumani. Sobretudo a minha mãe, Hanifa Assulua, era distinta, assimilada e filha de assimilados. No regresso do funeral reparei como era bela: mesmo com o cabelo rapado, em obediência ao luto, o seu rosto vencia a tristeza. Por um tempo, fitou-me como se avaliasse quanto eu lhe era preciosa. Pensei que havia maternal ternura nesse olhar. Não era assim. Outro sentimento lhe desenhou as palavras:

— *Não terás nunca que passar por tristezas de mãe.*

— *Por favor, mamã, acabei de perder a minha irmã* — disse eu.

— *Não perderás nunca uma filha. Foi Deus que assim quis.*

E virou costas. Já descalça, venceu a porta e se afundou na cama. Pode-se enterrar uma filha, sim. Ela já o fizera antes. Mas não se regressa nunca dessa despedida. Ninguém pede mais a atenção de uma mãe que um filho morto.

Meu pai pediu, então, às mulheres do choro que se retirassem do nosso terreiro. Entrou na

penumbra da casa e debruçou-se sobre a mulher para lhe perguntar:

— *Por que rapou o cabelo? Não somos cristãos?*

Hanifa encolheu os ombros. Naquele momento, ela não era coisa nenhuma. Findara o lamento das carpideiras e ela não sabia lidar com tão vasto silêncio.

— *E o que fazemos agora, ntwangu?*

Como todas as mulheres de Kulumani, chamava o marido por *ntwangu*. O homem chamava-se Genito Serafim Mpepe. Por razão de respeito, porém, a mulher nunca se dirigia a ele pelo nome. Éramos assimilados, sim, mas pertencíamos demasiado a Kulumani. Todo o nosso presente era feito de passado. Naquele momento, anichando-se junto dela, o marido falou-lhe com suavidade a que ela não estava habituada, cada palavra uma nuvem reparando os céus.

— *O que fazemos agora? Ora, agora... agora, vivemos, mulher.*

— *Eu já não sei viver, ntwangu.*

— *Ninguém sabe. Mas é isso que a nossa filha nos pede: que vivamos.*

— *Não me fale sobre o que a nossa filha pediu. Você nunca a escutou.*

— *Agora não! Agora não, mulher.*

— *Não entendeu a minha pergunta: o que fazemos com a parte da nossa filha que não enterrámos?*

— *Não quero falar disso. Vamos dormir.*

Ela soergueu-se, apoiada num cotovelo. Os olhos estavam rasgados como os de um afogado.

— *Mas a nossa Silênciã...*

— *Calada, mulher! Esqueceu que não podemos nunca mais pronunciar o nome da nossa filha?*

— *Eu preciso saber: que partes do corpo enterrá-mos?*

— *Já disse para se calar, mulher.*

Um tremor de folha na sua voz: meu pai brigava com infernos interiores. O ensanguentado saco contendo os restos da filha ainda pingava na sua memória. E, de novo, a insepultável lembrança o assaltou: o tropel de vozes e espantos que o despertara na anterior madrugada. Genito Mpepe cruzara o pátio, adivinhando a tragédia. Momentos antes, ele tinha escutado os leões rondando a casa. De repente, rugidos, gritos e lamentos dissolveram-se no vazio, o mundo afundado aos despedaços: nada mais restava dentro dele. Para tanto esquecer é preciso não ter nunca vivido.

— *O coração?* — voltou a inquirir Hanifa.

— *Outra vez? Eu não disse que se calasse?*

— *Enterrámos o coração? Você sabe bem o que fazem com o coração...*

O meu pai respirou fundo, contemplou as velhas roupas penduradas no interior do telhado. Não se sentiu diverso daquele vestuário, tombando informe e sem alma no vazio. A voz regressou-lhe, já mansa:

— *Pense assim, mulher: não há cova para um filho.*

— *Não quero ouvir, vou sair.*

— *Sair?*

— *Vou buscar o que resta da nossa filha por aí pelo mato...*

— *Não vai. Daqui de casa você não sai.*

— *A mim ninguém me vai impedir.*

Sairia de casa, sim, andaria por onde já não há caminhos de gente, os seus pés sangrariam, queimar-se-iam os olhos de encontro ao Sol, mas iria buscar o que restava de Silêncio, a sua eterna menina. Barrando-lhe a passagem, o marido ameaçou:

— *Vou atá-la com uma corda, como se faz com os bichos.*

— *Pois me amarre. Há muito que sou um bicho. Há muito que você dorme com um bicho na sua cama...*

Era a pedra sobre o assunto: Hanifa enroscou os braços nas pernas, em silêncio, como se quisesse render-se ao sono.

— *Vai dormir no chão?* — inquiriu Genito.

Ela estendeu o corpo no chão, a cabeça assente na pedra. A sua intenção era escutar as entranhas do mundo. As mulheres de Kulumani sabem segredos. Sabem, por exemplo, que dentro do ventre materno os bebés, a um dado momento, mudam de posição. Em todo o mundo, eles rodam sobre si próprios, obedecendo a uma única e telúrica voz. Acontece o mesmo com os mortos: numa mesma noite — e só pode suceder nessa noite — eles recebem ordem para se revirarem no ventre da terra. É então que, à superfície das campas, emergem luzes, um revoltear de prateadas poeiras. Quem dorme com o ouvido de encontro ao chão

escuta essa circunvolução dos defuntos. Por essa razão, que Genito desconhecia, Hanifa recusou leito e travesseiro. Estendida no solo, ficou escutando a terra. Não tardaria que a filha se fizesse sentir. Quem sabe até as gémeas Uminha e Igualita, as antigas falecidas, lhe entregassem recados do outro lado do mundo?

O marido não se deitou: sabia que o esperava uma longa noite. A lembrança do corpo dilacerado da filha lhe afugentaria o sono. O rugido do leão ecoaria dentro de si, rasgando-lhe as horas. Ficou um tempo na varanda a perscrutar o escuro. Talvez essa quietude lhe trouxesse repouso. Mas o silêncio é um ovo às avessas: a casca é dos outros, mas quem se quebra somos nós.

Uma dúvida o amargurava: como acontecera aquela tragédia? A filha teria saído de casa a meio da noite? E se assim acontecera, teria ela a intenção de pôr cobro à vida? Ou, ao inverso, o leão invadira o espaço caseiro, em jeito mais de ladrão do que de fera?

De repente, o mundo inteiro se estilhaçou: furtivos passos riscaram o sossego do mato. O coração de Genito lhe cresceu mais do que o peito. Estava acontecendo aquilo que sempre sucede: os leões vinham comer os restos do dia anterior.

Inesperadamente, como se ficasse possesso, o homem desatou aos berros, enquanto corria em círculos:

— *Sei que estão aí, filhos do demónio! Mostrem-se, quero ver-vos sair do mato, vocês são vantumi va vanu!*

Da janela o vi nesse agitado delírio, reclamando contra os leões-pessoas, os *vantumi va vanu*. Inesperadamente, tombou desamparado como se lhe tivessem quebrado os joelhos. Ergueu o rosto lentamente e viu que escuras asas de morcego o abraçavam. Não se escutava um ruído, nem folha nem asa crepitavam por cima da sua cabeça. Genito Mpepe era pisteiro, sabia dos impercetíveis sinais da savana. Muitas vezes ele me dissera: só os humanos sabem do silêncio. Para os demais bichos, o mundo nunca está calado e até o crescer das ervas e o desabrochar das pétalas fazem um enorme barulho. No mato, os bichos vivem de ouvido. Era o que meu pai, naquele momento, invejava: ser um bicho. E, longe dos humanos, regressar à sua toca, adormecer sem pena nem culpa.

— *Eu sei que estão aí!*

Desta vez, as suas palavras já não carregavam raiva. Apenas a rouquidão lhe fazia murchar a voz. Repetindo os impropérios, retornou a casa para se refugiar no quarto. A mulher permanecia enroscada, estendida no chão, tal como a havia deixado. Quando lhe ajeitou a manta, Hanifa Assulua, estremunhada, apertou com veemência o corpo do marido e exclamou:

— *Vamos fazer amor!*

— *Agora?*

— *Sim. Agora!*

— *Você está muito desencadeada, Hanifa. Não sabe o que está dizer.*

— *Recusa-me, marido? Não quer fazer um agorinha comigo?*

— *Você sabe que não podemos. Estamos de luto, a aldeia vai ficar suja.*

— *É isso que eu quero: sujar a aldeia, sujar o mundo.*

— *Hanifa, escute bem: o tempo vai passar, a gente vai esquecer. As pessoas esquecem até que estão vivas.*

— *Há muito que eu não vivo. Agora, já deixei de ser pessoa.*

Meu pai olhou-a, desconhecendo-a. A mulher nunca falara assim. Aliás, ela quase não falava. Sempre fora contida, guardada em sombra. Depois de morrerem as gêmeas, ela deixou de pronunciar palavra. De tal modo que o marido, de vez em quando, lhe perguntava:

— *Você está viva, Hanifa Assulua?*

Não era, porém, a fala que era pouca. A vida, para ela, tornara-se um idioma estrangeiro. Mais uma vez, a esposa se preparava para essa ausência, pensou Genito, sem reparar que, no escuro, Hanifa se estava despindo. Já nua, ela o abraçou por trás e Genito Mpepe deixou-se sucumbir perante aquele aconchego de serpente. Parecia rendido quando, de supetão, sacudiu a mulher e se retirou com passo estugado para o pátio exterior. E logo desapareceu no escuro.

No côncavo do quarto, minha mãe se entregou a ousadas carícias como se o seu homem realmente lhe comparecesse. Desta feita, ela comandava, galopando na sua própria garupa, dançando sobre o fogo. Suava e gemia:

— *Não pare, Genito! Não pare!*

Foi então que sentiu o cheiro do suor. Ácido e intenso, como o dos bichos. Depois, escutou o ronco. A minha mãe ocorreu, então, que por cima dela não estava o seu homem, mas um bicho dos matos, sequioso de seu sangue. Durante o ato amoroso, Genito Mpepe se convertera numa fera que literalmente a devorava. Dissolvida na avidez do outro, ela permanecia paralisada, à mercê dos seus felinos apetites.

Estou louca, pensou, enquanto fechava os olhos e inspirava fundo. Quando, porém, sentiu a garra rasgar-lhe o pescoço, Hanifá gritou a tais plenos pulmões que ela, por um instante, desconheceu se era de dor ou prazer. Meu pai acudiu, sem suspeitar do que se passava. A esposa cruzou a porta em sentido inverso e Genito foi incapaz de evitar que ela, em desatinada correria, desembocasse no pátio.

Se fosse dona da sua vontade, a nossa mãe teria fugido para longe, numa correria sem fim. Mas Kulumani era um lugar fechado, cercado pela geografia e atrofiado pelo medo. Uma vez mais, Hanifá Assulua estancou à entrada do quintal, junto à vedação das espinhosas que nos protegiam do mato. Levou as mãos à cabeça, desceu-as pelo rosto, como se afastasse uma teia de aranha:

— *Matei este lugar! Matei Kulumani!*

Eis o que a aldeia iria dizer: que a mulher de Genito Serafim Mpepe não deixara o chão esfriar. Sexo em dia de luto, quando a aldeia estava ainda

quente: não havia pior contaminação. Ao fazer amor naquele dia — e mais ainda ao fazer amor consigo mesma — Hanifa Assulua ofendera todos os nossos antepassados.

Regressada ao seu leito, a minha pobre mãe carregou a noite às costas, vogando entre sono e vigília. Já madrugada, sentiu os sonolentos passos de Genito Mpepe.

— *Levantou-se cedo, marido?*

Todas as madrugadas a nossa mãe se antecipava ao Sol: colhia lenha, buscava água, acendia o fogo, preparava o comer, laborava na machamba, avivava o barro, tudo isso ela fazia sozinha. Agora, sem razão aparente, o marido dividia com ela o peso da realidade?

— *Tenho uma notícia* — anunciou, grave, Genito Mpepe.

— *Notícia? Você sabe, ntwangu: em Kulumani toda a notícia é um piar de mocho.*

— *Vão chegar pessoas. Pessoas de fora.*

— *Pessoas? Pessoas de verdade?*

— *Vêm da capital.*

Minha mãe ficou calada, a fazer contas ao espanto. O marido inventava. Há séculos que ali não chegavam nem notícias nem estranhos...

— *Há quanto tempo você sabe dessa novidade?*

— *Uns dias.*

— *Sabe que é pecado.*

— *O quê?*

— *É perigoso saber notícias, é pecado espalhar novidades. Acha que Deus nos vai perdoar?*

Sem esperar resposta, Hanifa agitou os braços, como se repelisse fantasmas, enredando-se nas folhagens que a emolduravam. Levou a mão ao ombro e confirmou o escorrer do sangue.

— *O que foi isto, ntwangu? Quem me arranhou?*

— *Ninguém. Os espinhos, foram os espinhos da acácia. Tenho que capar essa árvore.*

— *Não foi a árvore. Alguém me arranhou. Veja o meu ombro: são unhas, alguém me esgatanhou.*

E discutiram. Mas ambos estavam certos. Na aldeia, até as plantas tinham garras. Tudo o que é vivo, em Kulumani, está treinado para morder. As aves abocanham o céu, os ramos rasgam as nuvens, a chuva morde a terra, os mortos usam os dentes para se vingarem do destino. Esgazeados, os olhos de Hanifa patrulharam o bosque. Um medo de gazela se espelhou no rosto.

— *Há alguém no escuro, ntwangu.*

— *Acalme-se, mulher.*

— *Há alguém a escutar-nos. Vamos para dentro de casa.*

As primeiras luzes do dia começavam a despertar: não tardava que se pudesse circular dentro de casa sem ajuda da lamparina. Por cima do armário, o candeeiro a petróleo, o xipefo, ainda tremeluzia. De repente, Hanifa voltou a sentir a doce ilusão de ter uma lua na cozinha. Já que não lhe coubera o sol, restava-lhe um teto enluarado. Ganhou confiança e pensou em desafiar o marido, proclamando alto e bom som:

— *Não quero mais aqui nenhum dos seus familiares. Correm hoje para as condolências. Amanhã,*

*quando eu ficar viúva, correrão mais depressa para me roubarem tudo.*

Nada disse, porém. Ela já se considerava viúva. Faltava apenas que Genito Mpepe se compenetrasse da sua própria ausência.

— *Marido: esses que vão chegar são mesmo pessoas?*

— *Sim, são.*

— *Tem a certeza?*

— *Pessoas autenticadas, pessoas de nascença. Entre elas vem um caçador.*

O balde que trazia na mão esquerda tombou, a água rolou pelo pátio. A vassoura na mão de Hanifa era agora uma espada repelindo demónios.

— *Um caçador?* — inquiriu, num sussurro.

— *É ele, é esse mesmo que você está a pensar: o caçador mulato.*

Num primeiro momento, a mulher permaneceu imóvel. De súbito, a decisão tomou conta dela: ajeitou os chinelos nos pés, cobriu a cabeça com um lenço e proclamou as despedidas.

— *Onde vai, mulher?*

— *Não sei, vou fazer o que você nunca fez. Vou para a estrada, vou emboscá-lo, vou matar esse caçador. Esse homem não pode chegar a Kulumani.*

— *Não seja louca, mulher. Precisamos dele, precisamos que matem esses malditos leões.*

— *Você não entende, ntwangu? Esse homem vai levar-me Mariamar, vai levar a minha última filha para a cidade.*

— *Prefere que Mariamar seja morta por leões?*

A mulher não respondeu. Preferir não era um verbo feito para ela. Quem nunca aprendeu a querer como pode preferir?

— *Se não me deixar sair agora, marido, eu juro que vou fugir.*

O homem agarrou-a pelos pulsos e empurrou-a de encontro ao velho armário, derrubando a lamparina. Hanifa viu a sua pequena lua se desfazer em chamas azuladas, dispersas no chão da cozinha.

— *Eu preciso impedir esse mulato* — suspirou, vencida.

Decidi então intervir, em defesa de minha mãe. Ao me ver sair da penumbra, as fúrias redobraram em meu pai: ergueu o braço, pronto para impor o seu reinado.

— *Vai-me bater, pai?*

Ele fitou-me, perplexo: sempre que me assomam raivas, os meus olhos se clareiam, incandescentes. Genito Mpepe baixou o rosto, incapaz de me enfrentar.

— *Sabe quem chamou o caçador?* — perguntei.

— *Toda a gente sabe: foram os do projeto, esses da empresa* — respondeu meu pai.

— *Mentira. Quem chamou o caçador foram os leões. E sabe quem chamou os leões?*

— *Não vou responder.*

— *Fui eu. Fui eu que chamei os leões.*

— *Vou dizer-lhe uma coisa, escute bem* — declarou, zangado, nosso pai. — *Não olhe para mim enquanto falo. Ou já perdeu o respeito?*

Baixei os olhos, como fazem as mulheres de Kulumani. E voltei a ser filha enquanto Genito reganhava a autoridade que, por momentos, lhe havia escapado.

— *Quero-a aqui fechada quando chegar esse caçador. Está a ouvir?*

— *Sim.*

— *Enquanto essa gente estiver em Kulumani, você nem desponta o nariz fora de casa.*

O silêncio se reinstalou no quarto. Eu e a mãe sentámo-nos no chão como se fosse o último lugar no mundo. Toquei o seu ombro num esboçado gesto de conforto. Ela desviou-se. Num instante, estava refeita a ordem do universo: nós, mulheres, no chão; o nosso pai passeando-se dentro e fora da cozinha, a exibir posse da casa inteira. De novo nos regíamos por essas leis que nem Deus ensina nem o Homem explica. De repente, Genito Mpepe parou no meio do recinto, abriu os braços e proclamou:

— *Eu sei qual é a solução: deixamos esse mulato entrar, deixamos que ele mate os leões. Mas, depois, não o deixamos sair.*

— *Vai matá-lo?* — perguntei, a medo.

— *Sou pessoa de matar gente? Quem o vai matar é você.*

— *Eu?*

— *Quem o vai matar são os leões que você chamou.*